

DEVEMOS CONSCIENCIALIZAR
TODOS OS NOSSOS FAMILIARES,
AMIGOS E CONHECIDOS PARA
QUE NINGUÉM SE ABSTENHA DE
VOTAR NO DIA 7 DE DEZEMBRO.

Preço Avulso: 6\$00 N.º 806
ANO XXVII 27/11/1980

Tiragem média por número:
2 700 exemplares.

A Voz de Loulé

SEMANÁRIO DE INFORMAÇÃO DO MAIOR E MAIS IMPORTANTE CONCELHO DO ALGARVE

PORTO
PAGO

Composição e impressão
«GRAFICA EDITORA»

Av. João Ferreira da Maia, 20
Telef. 92091 RIO MAIOR

DIRECTOR E PROPRIETARIO

José Maria da Piedade Barros

Redacção e Administração
«GRAFICA LOULETANA»
Telef. 62536 8100 LOULE

Porque não voto em Eanes e voto em Soares Carneiro

pelo Dr.
NEVES ANACLETO

Em 1976 votei em Eanes, pessoa que não conhecia e de quem, por isto, não podia esperar grande coisa. Mas se não podia esperar muito, também não podia esperar pouco como era lógico.

Todavia, confesso que, no de-

correr da sua acção presidencial, Eanes excedeu o que eu esperaria dele, pois revelou uma estatura que não envergonharia um regular Chefe de Estado, o (continua na pág. 4)

ADMINISTRAR CONFLITOS

Crónica de
LUIZ PEREIRA

«Não se pode viver quatro anos a administrar conflitos» — palavras de Lucas Pires ao «Correio da Manhã».

Vamos esperar pela revisão constitucional, pela reforma constitucional, pela redefinição (continua na pág. 3)

José Mendes Bota

DOS E.U.A. AOS PROBLEMAS MUNICIPAIS

O Dr. José Manuel Mendes Bota é o Vereador a tempo inteiro da Câmara de Loulé, e tem a seu cargo o Pelourinho da Habitação que é, sem dúvida, um dos mais angustiantes problemas da nossa terra... como aliás o é um pouco por todo o País.

Este nosso amigo, que acaba de chegar dos Estados Unidos de umas merecidas férias, confidenciou-nos algumas das impressões que sobre este assunto recolheu do seu contacto com os emigrantes portugueses e a realidade de vida americana.

Se é um facto que não se pode pretender generalizar o que quer que seja, nos E. U. A., porque existe de tudo, desde o bom ao péssimo, desde áreas com umas realidades e outras totalmente diferentes.

Todavia, poder-se-á afirmar, sem grande margem de erro, que o problema da habitação, nos Estados Unidos, se reveste de características de mais facilidade na procura de casas.

É fácil a aquisição de habitação própria, pois apenas com uma pequena prestação inicial, pode-se ir pagando a casa a 20 ou mais anos, podendo depois

A CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA terá de ser uma lei libertadora

No próximo dia 7 de Dezembro, o eleitorado português não vai escolher entre um regime democrático e um regime totalitário — uma vez que esta opção já foi definitivamente feita pelo povo de Portugal — mas entre dois modelos distintos de regime democrático: um, liberal, aberto, de tipo marcadamente ocidental, que postula como princípio a integração no Mercado Comum e a permanência na NATO e outro, marxista, atrofiador do livre desenvolvimento da criatividade colectiva, que postula como princípio a necessidade de subordinação da iniciativa privada à (continua na pág. 3)

Problemas da vida local

Loulé, considerada por nacionais e estrangeiros uma das mais interessantes terras do Algarve, também tem os seus problemas.

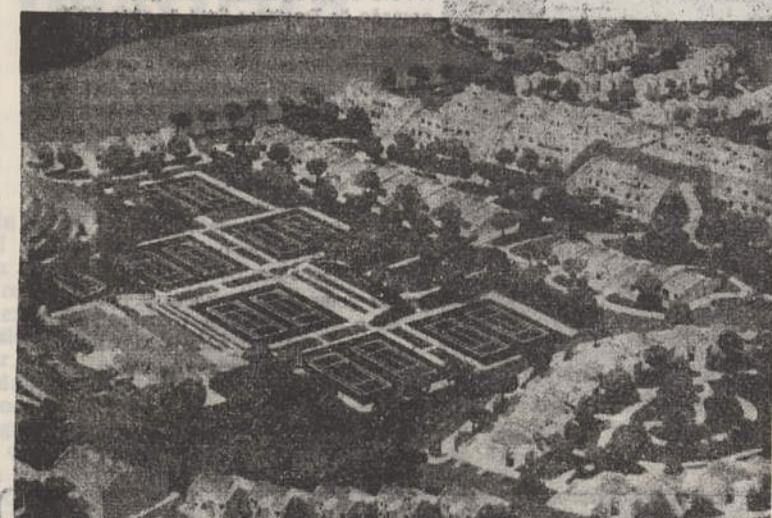
Existe na Praça da República um prédio em ruínas que (continua na pág. 3)

Loulé ainda sabe vibrar com a música!

Não há dúvida que Loulé ainda sabe valorizar quem toca no escalaço superior da arte de Mozart.

Em dois números seguidos, deu «A Voz de Loulé» aos seus numerosos leitores a viva voz do (continua na pág. 4)

A EMPRESA VALE DO LOBO CONTINUA A SAQUE?



Depois de construído o complexo de Ténis, com 12 courts, e que custou milhares de contos, com escassa possibilidade de rendibilidade comercial, a Empresa Vale do Lobo projectava a construção de uma também grandiosa urbanização em redor dos campos de ténis. Será mais um sonho desfeito pela pungente realidade?

(LER PÁG. 3)

Durante o Inverno
o Algarve pode ser
uma colónia
de férias
para os idosos
estrangeiros

(VER PÁGINA 6)

É importante
que todos votemos
conscientemente

(VER PÁGINA 4)

JÁ SE TRABALHA PARA QUE AS «BODAS DE DIA-MANTE» DO CARNAVAL DE LOULÉ SIMBOLIZEM NÃO APENAS UMA BELA TRADIÇÃO DA NOSSA TERRA, MAS TAMBÉM A TENACIDADE, O DINAMISMO E O ORGULHO DOS LOULETANOS EM MANTER UMA FESTA QUE TANTO NOS TEM PRESTIGIADO.

MARQUES HENRIQUES, LDA.

SECRETARIA NOTARIAL
DE LOULÉ

1.º CARTÓRIO

Notário: Licenciado Nuno
António da Rosa Pereira
da Silva

Certifico, para efeitos de publicação, que por escritura de hoje, lavrada de fls. 125, v.º a 127, v.º, do livro n.º A-118, de notas para escrituras diversas, do Cartório acima referido, foi constituído entre Carlos Jorge Marques Henriques e Maria Albertina Lima da Silva Marques Henriques, uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, nos termos constantes dos artigos seguintes:

Primeiro — A sociedade adopta a firma de «Marques Henriques, Limitada», tem a sua sede no Centro Comercial, Lojas um e oito, instalado na Rua Vasco da Gama, da povoação e freguesia de Quarteira, concelho de Loulé, e durará por tempo indeterminado, contando-se o seu início a partir de hoje.

Parágrafo único — A sociedade poderá mudar a sua sede e estabelecer ou suprir filiais, sucursais ou agências no território nacional, bastando para o efeito simples deliberação da Assembleia Geral.

Segundo — A sociedade tem por objecto a actividade de comércio a retalho de pronto a vestir, bijutaria, artesanato, discoteca e outros similares, podendo ainda dedicar-se a qualquer outro ramo de comércio que a lei reconheça e que seja deliberado em Assembleia Geral.

Terceiro — O capital social, integralmente realizado em dinheiro, já entrado na Caixa Social, é de quinhentos mil escudos, e corresponde à soma das quotas dos sócios, que são as seguintes: — uma de trezentos e cinquenta mil escudos, pertencente ao sócio Carlos Jorge Marques Henriques, e outra de cento e cinquenta mil escudos, da sócia Maria Al-

bertina Lima da Silva Marques Henriques.

Quarto — Poderão ser exigidas prestações suplementares de capital e os sócios podem ainda fazer à sociedade os suprimentos de que esta carecer, tudo nos termos e condições previamente acordadas em Assembleia geral.

Quinto — As cessões de quotas, a estranhos, ficam dependentes do consentimento da sociedade, a qual terá o direito de preferência na sua aquisição e, se não quiser exercer tal direito, será o mesmo exercido pelos sócios na proporção das suas quotas.

Sexto — Ambos os sócios ficam desde já nomeados gerentes, dispensados de caução e com ou sem remuneração consoante vier a ser deliberado em Assembleia Geral.

Parágrafo Primeiro — Para obrigar validamente a sociedade em todos os seus actos e contratos, será sempre necessária e suficiente a assinatura do sócio gerente Carlos Jorge Marques Henriques, contudo, e para meiros assuntos de expediente bastará a assinatura de qualquer outro gerente.

Parágrafo Segundo — A sociedade poderá constituir mandatários nos termos do artigo duzentos e cinquenta e seis do Código Comercial.

Sétimo — A sociedade reserva o direito de amortizar a quota de qualquer sócio, quando sobre ela recaia arresto, penhora ou qualquer providência cautelar.

Parágrafo Primeiro — A amortização será efectuada na base do valor nominal da quota, acrescida da parte que corresponder nos fundos de reserva, em vinte e quatro prestações mensais, iguais e sucessivas, vencendo o juro máximo permitido por lei.

Parágrafo Segundo — A amortização considerar-se-á efectuada, quer pela outorga da competente escritura, quer pelo pagamento ou consignação em depósito do pagamento da sua primeira prestação.

TERRENOS ALGARVE

QUINTAS, FAZENDAS, COURELAS (C/ OU S/
CASA).

PARA TODAS AS DIMENSÕES. PREÇOS E LO-

CALIZAÇÕES

COMPRA E VENDA: JOSE VIEGAS BOTA — R.
SERPA PINTO, 1 a 13 — TELEF. 62634 — LOULÉ.

Oitavo — No caso de falecimento ou interdição de qualquer dos sócios, os seus herdeiros ou representantes nomearão entre si um que a todos represente na sociedade, enquanto a respectiva quota se mantiver indivisa.

Nono — Exceptuando os casos em que a lei exija formalidades especiais, as Assembleias Gerais serão convocadas por meio de cartas registadas, dirigidas aos sócios, com o mínimo de oito dias de antecedência.

Está conforme.

Secretaria Notarial de Loulé, 13 de Novembro de 1980.

O 2.º Ajudante,
Fernanda Fontes Santana

Vende-se

Praia da Luz — Lagos, apartamento de 3 assoalhadas, com área 80 m².

Telef. 2521565 — LISBOA (das 19 às 23 horas).

GIEBELS
PROPRIEDADES LDA.

MEDIADORES AUTORIZADOS

■ Especializamos na venda de propriedades entre Faro e Albufeira, para o Mercado Português e Estrangeiro.

■ Se procurar ou tiver uma propriedade à venda, contacte-nos:
Estrada Nacional 125
S. LOURENÇO — ALMANSIL
Telef. (089) 94353

Vai a Lisboa?

VISITE E HOSPEDÉ-SE NO HOTEL LIS 2★★

O mais central de Lisboa — Óptimas instalações

Agora todos os quartos com banho ou chuveiro

O melhor preço — O melhor local
Fica mesmo junto ao cinema Tivoli
Ambiente familiar

Situado na Av. da Liberdade, n.º 180
LISBOA — Telefones 563434/5/6/7/8

Tal pai Tal filho.



A Ford lança, agora em Portugal, a nova geração de Tractores Ford da série 1000. Os mini-Tractores Ford foram concebidos para proporcionarem uma excelente adaptação aos mais variados tipos de tarefas. Tais como os trabalhos nas vinhas, nos pomares, nas áreas de horticultura, ou nos campos de golf, etc. Com:

- Motor Diesel;
- 12 velocidades;
- Controlo de profundidade;
- Tracção às quatro rodas;
- Blocagem de diferencial.

E é um gosto vê-los a trabalhar. Porque, tal como toda a gama de Tractores Ford, os novos modelos da série 1000 possuem uma notável capacidade de trabalho. Tal pai... Tal filho...

TRACTORES FORD. UMA EQUIPA DE TRABALHADORES INCANSÁVEIS.
COM MAIS DE 60 ANOS DE EXPERIÊNCIA

FOMENTO INDUSTRIAL
E AGRÍCOLA DO ALGARVE, LDA.
Largo de S. Luís - Telef. 23061/4
8000 FARO



Tractores

Equipamento

A Empresa Vale do Lobo continua a saque?

Depois do muito que já se escreveu na imprensa acerca das burlas praticadas em Vale do Lobo, ainda falta dizer muita coisa para desmistificar um homem que sonhou ser o ídolo do turismo algarvio. O que já não restam dúvidas é que o sr. Van Gelder entrou em Portugal vestido de cordeiro, mas escondendo a sua natural qualidade de lobo fiamto pronto a devorar tudo o que estivesse ao seu alcance. Por isso começou logo por pedir milhares de contos à banca portuguesa com a justificação de que ia criar centenas de postos de trabalho numa altura em que o desemprego era coisa afeita e em que muito poucos portugueses se atreviam a investir com medo das condições políticas em que o País ainda vivia em princípios de 1978.

Van Gelder apresentou-se, portanto, como o «salvador» do turismo algarvio e revelando nítida disposição de transformar Vale do Lobo na mais requintada urbanização turística do Mundo...

E sem dúvida que fez muita coisa de bom e melhorou consideravelmente o aspecto urbanístico daquela maravilhosa zona, embora provocando numerosos conflitos e desgostando muita gente... e especial aqueles que são proprietários de moradias e para os quais foram criadas dificuldades cada vez maiores, através da exigência de pagamento por serviços que de forma alguma justificavam tão elevados montantes.

Van Gelder tinha contra si quase todos os proprietários seus vizinhos mas tinha do seu lado quase todos os trabalhadores a quem pagava principescamente (exactamente para isso) e cujo número era cada vez maior. Mas, tudo aquilo que se dizia, em surdina, acabou por ser publicamente revelado por alguém que teve a coragem de assumir responsabilidades... porque tinha provas conclucentes daquilo que escrevia. E a verdade veio à luz do dia: a Empresa já não conseguiu controlar tão complexa máquina que montou e queria dirigir sozinho, mas também por culpa de muitos dos seus colaboradores que aproveitaram para «se governar muito bem» através de «desvios» e de fraudes e de subornos que iam aumentando em cadeia, na medida em que cada vez era preciso pagar melhor a mais gente para... se calar e não fazer «ondas».

Hoje, Van Gelder (que nesta

altura deve andar pelas Américas em «viagem de negócios») já tem também contra si os trabalhadores que o abandonaram, os que já foram despedidos e os muitos que, a cada momento, aguardam ser despedidos, pois aumentam as dificuldades de tesouraria, aumentam as queixas e diminui a vontade de trabalhar daqueles que não sabem se «valerá a pena», por recearem «já não receber este mês».

E, para cúmulo de tudo isto, as fraudes continuam e há quem pergunte se a empresa já está a saque, pois realizou-se há dias um plenário em que foi publicamente perguntado por onde teriam «passado» os 400 quilos de bifes que a empresa pagou e que os trabalhadores não viram, assim como os 300 quilos de ameijoas igualmente facturadas e pagas sem que tivessem aparecido na mesa à hora das refeições.

E o mais revoltante é que, em vez de bifes e ameijoas, foram servidos croquetes de pei-

xe... que teriam sido devolvidos dum já conhecido supermercado de Portimão por estarem estragados. Parece que algumas dezenas de quilos foram ainda «aproveitados» para dar a galinhas e porcos...

E assim se desborda um sono (?) ou se revela a má fé dum homem que dizia querer salvar o turismo algarvio e que, afinal, está dando forte contributo para o seu desprestígio a nível nacional e internacional.

Depois de tudo isto, resta acrescentar que Vale do Lobo ainda é uma consoladora realidade para o turismo algarvio e que os serviços que presta a quantos lá vivem ou desejem passar ali as suas férias terão de ser mantidos.

A Câmara de Loulé vai ter muitas responsabilidades para que aquela zona não seja degradada e para que seja encontrada uma solução para os complexos problemas que de há muito se vinham agravando.

S. A.

Administrar conflitos

(continuação da pág. 1)

de estratégias sectoriais. A transformação da Administração, da Escola, da Empresa. Suponho que o resultado das eleições presidenciais não será favorável a novas políticas de liberdade e novas economias de suficiência para todos.

Não podemos entrar no Mercado Comum, bipolarizados, em pleno conflito capital-trabalho. Com uma média e pequena indústria, com um comércio insuficiente e uma agricultura longe da adequada mecanização, como poderemos concorrer com a Europa civilizada?

Se Soares Carneiro chegar a Presidente, a radicalização do regime permitirá à esquerda maior influência paralizadora no sector laboral.

Em qualquer caso parece que o novo Governo vai administrar conflitos, o que não é fácil.

Só com um Povo autenticamente culto, com conhecimentos e aptidões com valor se pode construir o futuro.

Os militares nunca souberam mandar em civis, nós queremos que mande só quem sabe, a bem de todos. Creio que os próximos quatro anos, sem desfazer do esforço da AD no sentido de

mocrático, vão ser um exemplo de confrontação política, de desgaste de linguagem, de crise económica, de paralisação da produtividade.

Não podemos entrar no Mercado Comum, bipolarizados, em pleno conflito capital-trabalho. Com uma média e pequena indústria, com um comércio insuficiente e uma agricultura longe da adequada mecanização, como poderemos concorrer com a Europa civilizada?

O diálogo indispensável entre patrões e operários é um ponto de equilíbrio político, o contrário será a sul-americanização do regime e não a ocidentalização do País. Quero com isto dizer que um militar na Presidência da República não é uma figura de privilégio no futuro. Se Eanes falhou por ingenuidade, Soares Carneiro não será um profissional da política que a Presidência exige.

Uma sociedade profundamente dividida em direitas e esquerdas nunca será um estímulo para a fraternidade e a colaboração. O que o Governo faz a Oposição destrói. A menos que venha a ditadura.

Viver com dignidade e esperar o futuro sem angústia é apostar na conciliação possível, diminuindo a força comunista através da justiça social.

Foi assim que a Alemanha Federal e a Suécia progrediram. Estimulando a fraternidade e a colaboração pondo de lado as etiquetas partidárias.

Em ambiente democrático o homem sente-se descomplexado e mais produtivo. Queremos um governo de todos para todos. A nossa preocupação é o bem-estar social. Para que a nossa vida não se transforme em desespero e miséria esperamos da AD sabedoria e dignidade. E nestas circunstâncias cuidado com as «democracias» militarizadas.

Luis Pereira

A Constituição da República

terá de ser uma lei libertadora

(continuação da pág. 1)

atividade empresarial do Estado.

Nas eleições presidenciais, o povo português não vai ter que escolher, entre o 11 de Março e o 25 de Novembro, entre o totalitarismo comunista e a democracia, entre a opressão e a liberdade.

Sucedidos actos eleitorais confirmaram e garantiram o desejo dos portugueses de viver em democracia e em liberdade, sem tutelas estranguladoras dos seus anseios e sem a repressão de grupos políticos ou forças institucionais.

A 7 de Dezembro, a opção que se perfila perante o eleitorado português é a de dois modelos distintos do regime democrático, dois modelos que co-habitam na Constituição da República e que urge clarificar: o modelo marxista e o modelo liberal.

O general Soares Carneiro considera inaceitável a criação de um regime de repressão, da ordem pela ordem, de militarismo feroz. Hoje, é cada vez mais imperioso edificar uma política de aproximação com os novos países de expressão portuguesa.

manter relações estreitas e profundas com o Brasil: é necessário, em suma, reencontrar o espírito verdadeiro do 25 de Abril, no sentido de possibilitar ao povo português uma efectiva liberdade de ação, de pensamento e de expressão, garantindo-lhe a possibilidade de exercer o poder que nele indiscutivelmente reside.

Para tanto, o general Soares Carneiro tem afirmado sem ambiguidades o projecto que pretende edificar em Portugal, o modelo democrático que há que respeitar, a conduta que há que assumir. Não é possível fazer política e, através dela, contribuir para a dignificação dos cidadãos sem um projecto claro e unificado: as opções têm de ser feitas com frontalidade, adoptando na plenitude um modelo para rejeitar com veemência o outro.

Ramalho Eanes contudo, acomodou-se ao espírito híbrido da Constituição, à sobreposição e confusão de modelos políticos, ao colectivismo e ao liberalismo, à construção do socialismo e à liberdade plena dos portugueses. Quatro anos depois da promulgação da Constituição e da sua eleição como Presidente da República, Ramalho Eanes ainda não definiu o projecto que defende ou o que quer defender: Eanes ocupa, simultaneamente, as cadeiras da Revolução e da Democracia, alternando entre uma e outra sem frontalidade, sem finalidade e sem coerência.

O General Soares Carneiro, pelo contrário, desde sempre optou pelo respeito pela dignidade da pessoa humana, pela estabilidade da Democracia portuguesa, pela serenidade da nossa Pátria, pela necessidade de operar profundas reformas sociais, pelo progresso e pelo desenvolvimento económico.

Para a construção de um projecto nacional, o general Soares Carneiro exige dos portugueses vontade de definir as suas próprias opções e de trabalhar para a sua concretização, de modo a assegurar ao povo de Portugal um futuro que signifique coerência com o nosso passado, numa visão quer europeia, quer atlântica, do que pode ser o nosso destino.

É ainda necessário, acima de quaisquer modelos e de qualquer construções políticas, humanizar a pessoa, dignificá-la

Problemas

da vida local

(continuação da pág. 1)

constitui uma ameaça e um perigo para os utentes e está causando um prejuízo extraordinário aos proprietários dos prédios que lhe são contíguos e respectivas casas comerciais.

Com a falta de habitação existente não se comprehende como é que não se dá solução a um caso destes.

Os herdeiros dessa casa parecem que não tomam uma decisão dizendo que delegam a responsabilidade à Câmara de Loulé. Quem é que indemniza os proprietários das casas vizinhas? A Câmara responsável pelo caso tem plenos poderes para mandar demolir o 2.º andar, a parte que está causando todos os prejuízos. No entanto, os anos passam-se sem que se dê solução ao problema.

Mas a Câmara parece ignorar também o edifício em ruínas na Rua do Cerradinho, que abriga cerca de vinte pessoas, sem quaisquer condições de abrigo e de higiene.

VENDE-SE

Terreno de regadio, com casas de habitação e luz, com laranjeiras e outras árvores de fruto, no sítio das Quatro Estradas, junto à estrada.

Informa H. P. Moleiro, Rua M.F.A., 16 — LOULÉ, ou pelo telef. 62763.

(2-2)

AO DIVINO ESPÍRITO SANTO

Agradece graça recebida e pede perdão pelo atraso.

M. J. F.

VENDE-SE

Lote de terreno pertencente a Herdeiros de Manuel Cortes.

Nesta redacção se informa.

PRECISA-SE

Apartamento de 2 ou 3 assoalhadas, em Loulé ou Faro, para escritório.

Tratar pelo telef. 63288 — LOULÉ.

(3-1)

É importante que todos votemos conscientemente

As eleições presidenciais marcadas para 7 de Dezembro revestem-se dum significado singular e importante: elas serão o complemento das eleições de 2 de Dezembro de 1979 que deram a primeira vitória à A. D.; a primeira vitória da inteligência e do amor pátrio contra o obscurantismo e a brutalidade que nasceram com o 25 de Abril, seguida da que foi obtida em 5-10-1980 que assegura a continuidade na caminhada para a nossa emancipação.

Com o 25 de Abril vieram os latrocínios, os assaltos à propriedade privada e à honra das pessoas, a intranquilidade e instabilidade; e a tal ponto chegou que o Ministro Almeida Santos abandonou o governo por não se sentir com pernas para acompanhar a degringolade nacional, onde o cidadão se deitava com direitos e acordava sem eles. E mais declarou ainda Almeida Santos sem que alguém se tenha lembrado dele a não ser injustamente para o amesquinhado e envilecer: «a nossa situação tem servido para enegrecer a face branca da Democracia e lavar a face negra do fascismo».

Não posso afirmar a exactidão das palavras, mas afirmo a exactidão do sentido da expressão de Almeida Santos que abandonou o 5.º governo provisório retratando-o na carta que lhe legou.

Foi a uma tal situação que as eleições de 2-12-1979 puseram cíbolo — que as de 5-10-1980 confirmaram; e que as de 7 de Dezembro de 1980 cobrirão de glória — se o general Soares Carneiro, patrocinado pela A. D., sair vencedor.

Contra este candidato aguçam-se as dentadas dos inimigos da tranquilidade e do bem estar dos portugueses, já que tais inimigos temem que lhes

seja impedida a prática de arruinar Portugal até cair em miséria moral e física para terem a chance de puderem atribuir as consequências dos seus malefícios a quem lutou para os impedir.

Lembrem-se todos, e é necessário que se lembrem, que tendo o actual Governo prometido que trabalharia para que a inflação não ultrapassasse os 20% de aumento, a malta inteira de malfeiteiros tudo fez para que este limite fosse ultrapassado, fomentando greves a rodos, e em todas estas eram exigidos aumentos de ordenados superiores a 20%.

Se numa só das greves foi pedido o aumento de 21%, em todas as outras, que foram muitas, os aumentos exigidos foram de 25, 27, 30, 35 e 40%, tudo isto para que a inflação ultrapassasse em muito a promessa governamental.

Acima do bem estar do povo estava, para os comunistas, o aumento da inflação, argumento que lhes permitiria dizer, ou por outra, que lhes permitiria mostrar que o Governo mentiu, já que para dizer, nada, nem mesmo a verdade, os impediria.

Verdadeiro inimigo do Povo, o comunismo não tem o direito de se igualar aos que o amam, direito que o Povo Português não lhe reconhece e que o General Eanes lhe tem reconhecido e que voltaria a reconhecer-lhe se fosse reeleito; agora como devedor, o que ainda seria pior.

E dizemos ainda pior porque, desta vez, o General Eanes se fosse reeleito sê-lo-ia com os votos comunistas, que declaram

publicamente que o seu voto não é cheque em branco a favor de quem quer que seja, e sentir-se-ia prisioneiro deles que não o largariam na fruição do respectivo dividendo.

Em tal perspectiva impõe-se aos portugueses votarem no candidato da Aliança Democrática, voto que terá o duplo objectivo de conseguir a vitória da Democracia e a consequente derrota do General Eanes, candidato dos comunistas.

A batalha eleitoral para a Presidência da República vai travar-se entre os dois blocos: esquerda e direita, sendo o primeiro representado pelo General Eanes e o segundo pelo General Soares Carneiro.

Há entretanto, nessa batalha, outros candidatos sem qualquer possibilidade de êxito, e deles não é necessário falar.

Todavia, direi que o General Galvão de Melo é merecedor da nossa atenção por vários motivos que é desnecessário enumerar já que não alterariam o resultado final.

Mas o General Galvão de Melo alheou-se dos partidos e apresenta-se como franco atirador, o que lhe retira os votos de centenas de milhar de eleitores.

Nestas circunstâncias, malgrado-moi, o voto nele é inútil e somente servirá para diminuir o volume de votos necessários para impedir o triunfo do candidato dos comunistas.

Deste modo, para quem não deseja o triunfo comunista, o voto no General Galvão de Melo é inútil.

NEVES ANACLETO

PORQUE NÃO VOTO EM EANES E VOTO EM SOARES CARNEIRO

(continuação da pág. 1)

que me levaria a votar de novo nele se não tivessem ocorrido os factos que vou narrar.

Como se sabe, o comunismo é o antídoto da Democracia e consequentemente toda a sua vocação é destruí-la para instaurar a ditadura.

Na sequência dessa vocação usa todos os meios desde os mais simples aos mais complexos e tenebrosos; e como os meios simples pouco efeito produzem no operariado, o comunismo usa e abusa dos meios tenebrosos para conseguir os seus fins.

A mentira, a calúnia, a desfaçatez e a hipocrisia são, entre outros, os meios tenebrosos de que usa e abusa.

Assim, sendo o antídoto da Democracia, o P. C. diz-se democrata e dá vivas à Democracia, fazendo de cavalo de Tróia para traiçear e destruir.

Enquanto dominou o País após o 25 de Abril, o comunismo apoderou-se dos meios de comunicação social que ele negava a outras correntes políticas, para agora mentirosamente declarar *urbi et orbi* que tais meios lhe são negados, só por que não os pode usar em exclusivo. Viola constantemente a Constituição feita em grande parte pelas suas mãos, indo ao ponto de pregar a insurreição contra ela, ao mesmo tempo que diz ser guardião contra os que querem destruí-la.

Na A. R. a sua violência anti-democrática contra a Constituição foi de tal vulto que obrigou o Presidente da República a esclarecer que havia pessoas que aí se declaravam de

mocatas mas que cá fora atacavam a Democracia e violavam a Constituição, razão por que haveria de tomar-se medidas contra elas.

Este aviso do P. R. — General Eanes — foi bem compreendido pelos comunistas que passaram a acrescentar às suas ameaças as expressões «nos termos legais» e «no respeito à lei», expressões que iludiram o Chefe do Estado a ponto de declarar, mais tarde, num jornal estrangeiro, que o P. C. era um partido de *Ordem* e que não lhe criava problemas.

Esta experiência dos comunistas deu-lhes a luz verde para de futuro violarem a lei e a Constituição «nos termos legais», e por isso prosseguiram as violências no Alentejo, com ameaças, roubos, mortes, etc. a ponto de exigirem em comícios e em panfletos, espalhados por toda a parte, a demissão do Governo, como se este é que fosse o desordeiro.

Por este processo, com o General Eanes já os comunistas sabem como violar a lei e provocar a desordem, convindo-lhes este na Presidência da República.

Não tendo forças para eleger um presidente das esquerdas, ao PC convém-lhe o General Eanes nesse lugar, certos de que por ele não serão inibidos de tudo fazerem para nos arrastarem para uma política de crime — a política comunista.

Não fosse isto e mais outras coisas de menor vulto, eu não teria dúvida em votar em Eanes, que se revelou um Presidente digno de respeito e consideração. Mas o que já se disse, e outras coisas, como o de receber um criminoso guerrilheiro árabe, como se fosse um Chefe de Estado, e o seu apêgo desmesurado aos governos das ex-colónias portuguesas, como se daqui nos viessem prestígio e interesse, levam-me a negar, desta vez, o meu voto ao General Eanes que nas relações com o imoral mundo árabe não só deve marcar uma posição de prestígio para o nosso País.

No entanto, deve dizer-se, a favor do General Eanes, que foi um presidente de emergência, um presidente do acoso, visto não ter atráido de si um passado conhecido que o impusesse pelos seus dotes pessoais.

Podia ter sido pior, o que nos apraz registar.

Todavia, não podemos e não devemos ir atrás do acaso para escolher o nosso Chefe de Estado. E por isto os homens da A. D. pensaram no homem ideal para a suprema magistratura da Nação, e criaram então, em absoluto, tal homem.

Depois de criarem o homem modelo para o cargo, procuraram encontrá-lo em carne e osso, e escolheram-no na pessoa do General Soares Carneiro, o mais aproximado do modelo criado que vislumbraram.

Não o escolheram por amizade pessoal ou por aproximação política; escolheram-no isentamente pelas qualidades de inteligência, por apreço moral, capacidade intelectual e amor patrio, qualidades que exornam o candidato que escolheram para as eleições.

Foram estas qualidades que determinaram o meu voto.

É por estas qualidades que os comunistas o detestam e combatem, já que não lhes convém um Presidente isento e inteligente bastante para dizer-lhes: «Já te conheço oh máscaras!»

É por estas qualidades que eu votarei nele; e é por estas qualidades que todos os reais democratas votarão nele, escolhido sem partidarismo nem amizade pessoal.

É um Presidente necessário aos portugueses.

NEVES ANACLETO

LOULÉ AINDA SABE VIBRAR COM A MÚSICA!

(continuação da pág. 1) que foi a delirante homenagem à distinta musicóloga Eugénia Lima. Não se trata de uma louletana. Todavia, como os seus primeiros passos musicais foram, pode bem dizer-se, em Loulé no ambiente de grandes executantes de acordeonistas, foi-lhe fixado que, os seus cincuenta anos de grande devoção à Arte, fossem nesta minha terra galardoados. Muito bem! As minhas homenagens à Eugénia Lima, que numa noite já muito distante, a ouvi e apreciei na estação de Tunes, onde realizou um concerto na Sociedade Recreativa. Então ainda Eugénia Lima dava os primeiros passos no caminho musical, de que alcançou, agora, a Glória da sua imortalidade.

Há pouco Loulé prestou outra homenagem à louletana Maria Campina. Justa; tanto quanto foi possível honrar um valor de grande mérito no piano. A distinta pianista é uma fada que sabe tirar do instrumento o melhor dos seus segredos. Sim! Porque todos os instrumentos têm os seus delicados segredos.

Nesta maré de tocadores e instrumentos, vim-me à visão e saudade o louletano Rafael Mathezinho no instrumento barítono. Amador-artista de grande classe, se ele vivo fosse, certamente teria, hoje, de enfileirar no friso dos homenageados. Físico e executante eram bem o protótipo do artista e do músico. Fez a sua época! Hoje já ninguém dele se lembra... A música, que se presta a tantas modalidades da vida humana, também é factor primordial para dirimir situações difíceis, jamais entre ideologias religiosas ou mesmo políticas.

E eu já me vi em sérios apuros. Foi em Tânger, onde a religião muçulmana era antagônica, senão mesmo rival odiosa da religião cristã. Merece a pena citar esse incidente. Do meu livro «Brisas de Espanha», páginas 111 a 113, ei-lo:

«Foi no intrincado bairro mourisco. Em determinada altura aos meus ouvidos soam as vibrações metálicas de um instrumento. Quem quer que fosse deixava-se perceber que era um artista que sabia articular, dizer, sentir, e dominava o instrumento; este era um cornetim! O seu tocador imprimia-lhe tanto sentimento e maneira artística que, dir-se-ia, eu ouvir um cornetista de escola superior e moderna.

Ouço e, pelo som, dirijo-me a procurar quem seria o exímio tocador. É num quarto andar de um prédio. Subo. E, quando chego ao quarto piso, uma porta aberta de um quarto, em frente da escada, um rapaz novo, no seu a-vontade, de costas voltadas para a escada, toca no cornetim melodias que muito me agradam. Não interrompo e nem sou pressentido. Fico parado no pequeno patamar que deita para o referido quarto.

O homem, uns vinte e dois anos, e não mais, num natural descanso, volta-se, e, ao deparar comigo, empalidece, reverte, agita-se, intimamente, e com um olhar ameaçador ante o meu traje de europeu e de cristão, pergunta-me em bom espanhol o que quer e o que faço ali.

Tenho na minha frente um jovem marroquino. Talvez pelos sintomas que lhe percebo, um fanático mourisco capaz de cometimentos desagradáveis. De facto eu sou um imprudente. Metido espontaneamente na alcova de um inimigo da minha religião, poderia, ali, e sem poder dizer «ai», ser liquidado sem o menor rebuço. Mas é a música o deus que me guia, o mesmo deus que esse jovem também professa. E dou aos meus traços fisionómicos o ar de um tranquilo sorriso, e digo-lhe que fui atraído pelos seus dons artísticos e ali estava para melhor o ouvir e o abraçar.

Fica quieto, apreensivo, e continua a medir-me com uns olhares nada confiantes; parece interrogar a sua própria

consciência. Percebo a sua hesitação e corto a tempo a atitude que poderia tomar — peço-lhe que me mostre o seu cornetim. Olha para mim desconfiado e, com certa lentidão, mostra-me o instrumento. Pego nele e faço das minhas fracas posses artísticas e já longínquas, fortes forças para nesse momento poder vencer. E o imprevisto socorre-me. O cornetim é dócil e bem experimentado; amoldo ao bocal a minha já cansada embocadura (tinha então 58 anos de idade) e arranco do instrumento umas escalas naturais, cromáticas, e uns intervalos. Descanso e noto que o «meu» homem já não tem enfiada na cara aquela máscara da altivez e da desconfiança. Sorri e parece tranquilizado. Tanto mais que me pede para continuar. Mas... eu já não poderia de forma alguma igualar o meu já amigo marroquino. Mas não fraquejo e quero-lhe demonstrar que não sou nenhum impostor ou atrevido que abusivamente entrara em seus domínios. E faço-lhe, como posso e sei, a vontade.

Recorro ao meu arquivo de memória e toco-lhe uma parte de umas «malaguinas» que tocaria haviam decorridos quarenta anos. E com tanta relativa sorte que elas saem bem timbradas. O mourisco esquece-se que é indivíduo professo de uma religião inimiga da minha, abate bandeiras e credos e, com toda a sua alma abraça-me com o calor de um entusiasta da divina arte dos sons.

Eu abraço-o igualmente.

E naquele quarto de um prédio alto e no bairro mourisco de Tânger, dois credos opositos estreitam-se e vibram numa paz de verdadeiros irmãos.

«É que a Música, que não tem pátrias e nem religiões, tem o milagroso poder de fazer harmonizar os homens que ao cimo da terra guerreiam-se e odeiam-se rancorosamente!»

PEDRO DE FREITAS

L O U L É



FRANCISCA DO CARMO
ÁVILA COSTA

AGRADECIMENTO

Seus filhos, netos e resstante família, desejando evitá-la qualquer falta involuntária por desconhecimento de moradas e ilegibilidade de assinaturas de todas as pessoas que, de qualquer forma compartilharam da sua dor, vêm tornar público o seu mais penhorado agradecimento a todas as pessoas que se dignaram acompanhá-la a sua saudosa extinta à sua última morada e se interessaram pelo seu estado de saúde durante a doença que a vitimou.

As páginas 111 a 113, ei-lo:

Dos E.U.A. aos problemas municipais

(continuação da pág. 1)
tugal: uma casa digna para cada cidadão.

Infelizmente tal não tem acontecido entre nós e esse facto foi uma grande arma que a esquerda utilizou depois do 25 de Abril para condenar o regime anterior. E teve razões de sobra para o fazer...

Em Loulé esse problema também tem sido muito sentido, pois praticamente nada aqui se fez no domínio da habitação social, à parte aquele pequeno Bairro Municipal da Campina, que já poucas condições oferece.

Creemos poder até afirmar que Loulé é o único concelho do Algarve onde, depois do 25 de Abril, se não concluiu uma única habitação social... por incúria de alguns dirigentes que não quizeram ou não puderam atender a uma das mais prementes necessidades dos municípios que neles votaram e confiaram para resolução dos seus problemas.

Como deve ser fácil de adivinhar, o nosso pensamento está neste momento virado para aquela centena de fogos que o Fundo de Fomento da Habitação mandou erguer junto do Estádio Municipal e cujas obras ficaram paradas durante quase três anos por motivos dificilmente explicáveis face à gravidade do problema e à enorme falta que aquelas casas têm feito às pessoas que se inscreveram para as habitar.

E de tal maneira «aqui» estava emperrado e tais as dificuldades para «fazer andar» o processo que foram necessários quase nove meses para se encontrar a forma de acabar as obras, as quais ainda assim foram atrasadas por carências de mão de obra.

Sentindo o peso de solicitações constantes e a vontade de ser útil aos seus conterrâneos, o Dr. José Manuel Bota (como responsável pelos problemas rurais) tem travado uma dura batalha para resolver problemas do seu concelho, arranjando melhores caminhos e mais cómodas estradas, possibilitando mais água e melhor iluminação a quem delas há tanto andava carecidas e, ao mesmo tempo, tomado como ponto de honra, proporcionar mais e melhores casas para quem tanto delas carece para se abrigar do torrido calor ou das baixas temperaturas. Por isso lutou e... venceu a primeira batalha: fazer-se parar a habitação clandestina em Quarteira, providenciou-se o lançamento de novos programas habitacionais para os mais urgentemente carecidos e, guerrearam-se em marcha os trabalhos necessários para conclusão dum bairro que já se tornou célebre pela lentidão com que as obras são feitas e interrompidas.

Por isso, hoje, já podemos dar a boa nova de que, finalmente, já recomeçaram as obras do bairro da Campina, que proporcionará uma habitação condigna a centenas de pessoas de há muito imensamente carecidas de uma casa que as liberte das acahnadas divisões em que têm sido forçadas a viver.

Se é verdade que este problema foi resolvido porque houve pessoas fortemente interessadas em «fazer andar» o processo burocrático a que as coisas do Estado estão sempre sujeitas, também não é menos verdade que a Câmara de Loulé não se quedou pela solução deste problema, dado que a conclusão do bairro da Campina apenas resolve uma pequena parte das carências em matéria de habitação. Por isso tem procurado dar andamento ao projecto de urbanização da zona Nordeste, há tantos anos prometido e há tantos anos inexplicavelmente adiado. Agora, tudo se encaminha para que

a Associação de Moradores de Junho e a Cooperativa Nova Terra, (criadas especialmente para ocuparem uma vasta zona central da nossa Vila com habitações sociais), possam arrancar decididamente com os seus planos de ação. Para tal tem havido um grande empenhamento das autoridades a nível local e nacional.

Disto é claro testemunho a decisão do Governo de não permitir que os problemas da habitação do Algarve continuassem a depender das decisões de Évora, uma cidade demasiado distante para que os nossos problemas pudessem ser «sentidos» e resolvidos com a rapidez que a celeridade de hoje exige.

Temos, pois, que nos regozijar por já se encontrar a funcionar em Faro a Direcção de Habitação do Sul, a qual, segundo supomos, terá autonomia bastante para enfrentar e resolver complexos problemas que a província continua tendo em matéria de construção civil.

Oxalá aos responsáveis por este importante sector não faltasse nem a competência, nem a audácia para largos voos, nem imaginação e que estejam fortemente escudados para enfrentar pressões dos que, olhando apenas a mesquinhos interesses pessoais, não se preocupam em contribuir para a degradação do Algarve. Esperamos que tenham uma ampla visão daquilo que a nossa província pode vir a ser em termos de futuro, encarando-a em novas perspectivas, como homens que saibam ver para além do dia de hoje.

Outrotanto será desejável que aconteça na Câmara Municipal de Loulé, cujos dirigentes têm que enfrentar problemas muito complexos e que por isso exigem muita ponderação, paciência, bom senso, aliados a uma grande desejo de servir.

Por este motivo pensámos que José Manuel Bota nos poderia dizer alguma coisa depois das suas férias passadas nos Estados Unidos e durante as quais esteve afastado dos problemas municipais, mas acerca dos quais imediatamente se debruçou logo após a sua chegada.

A nossa pergunta de como continua a processar-se a gestão municipal, o Dr. Bota respondeu-nos:

— Como sabe, esta Câmara Municipal é composta, na sua maioria, por pessoas novatas, algo inexperientes em assuntos de gestão municipal, de gestão autárquica..., de modo que não será surpreendente que, aqui ou ali, por entre tantos processos que diariamente nos passam pela secretaria, nós cometamos alguns erros, indecisões, dúvidas... No entanto, apesar disso, quero realçar que julgo, com toda a consciência e determinação, termos dado o máximo das nossas possibilidades para corresponder à confiança que as pessoas nos depositaram. Não queremos que elas fiquem defraudadas. Não há razões para isso, porque o nosso activo é tão forte, o nosso programa de realizações tão vasto, que até o próprio programa do PSD (que foi aquele que nos serviu de base) já estava, em 8 meses, em mais de metade, ou executado, ou em vias de execução.

Mais do que isso. Grande número de obras que não estavam incluídas no nosso programa de ação, já estão ou vão ser rapidamente executadas por esta Câmara.

Posso até acrescentar que, de há muito, temos excedido todas as expectativas mais optimistas com que entrámos.

Entretanto o que interessa é o saldo. E o saldo, independentemente dos adversários políticos com menos «fair play» que, enfim, cumprem a sua obrigação de oposição. Independentemente das conversas de café, onde tudo é tão fácil de criticar, o difícil é «aguentar o barco», esta «nau terrível» que é a Câmara Municipal do maior concelho do Algarve, a de maior população e onde também se reúnem os maiores problemas.

O saldo positivo do trabalho já realizado é, sem sombra de dúvida, a melhor resposta que podemos dar a todos aqueles que, por má fé, inveja ou por uma questão de prestígio ferido, pretendem denegrir a nossa ação.

Não tenho a mínima dúvida de que, se em Janeiro de 1980, havia bastantes milhares de pessoas a acreditar em nós, neste momento esse número terá crescido muito mais, porque, finalmente, existe uma Câmara que fala com as pessoas, que desce ao mais baixo cidadão da hierarquia social em que vivemos, sem qualquer distinção de cores partidárias ou credos políticos. Aqui, há uma Câmara Social-Democrática, verdadeiramente democrática, que como tal tem funcionado. Não há discriminações. A resposta está dada: sem medo afirmamos que o nosso dever está a ser cumprido. Só as pessoas com más intenções poderão negar isso.

Habituámo-nos a «ter estômago» para aguentar críticas injustas que nos caem em cima. Habituámo-nos a ouvir certas coisas que não correspondem à verdade. A isso temos feito «ouvidos de mercador»... A nossa única política, o nosso único objectivo, tem sido o trabalho. As críticas destrutivas que têm sido feitas contrapomos as críticas construtivas! É esse o nosso lema!

...O saldo é que interessa e contra esse, venha quem vier... ninguém pode destruir o trabalho feito em prol das populações...

DURANTE O INVERNO

o Algarve pode ser uma colónia de férias para os idosos estrangeiros

Por iniciativa do Centro de Turismo de Portugal em Paris, realizou-se há dias no Hotel da Balaia o congresso «Notre Temps» em que participaram cerca de 100 directores de Caixas de Reforma de França e outras entidades ligadas aos problemas da terceira idade, além de jornalistas de periódicos especializados neste tema.

«Notre Temps» é uma revista mensal especialmente dedicada à terceira idade e que vem promovendo congressos anuais em vários países, tendo escolhido agora Portugal dadas as características do nosso Algarve, cujo clima de inverno é particularmente ameno para os franceses cujas idades mais avançadas muito incomoda as baixas temperaturas do seu país.

Este factor de ordem climática pode ser decisivo para atenuar o grande problema com que se debate a indústria hoteleira durante a época baixa e que contrasta com o excesso de procura na época alta, criando situações de difícil solução para uma boa exploração a nível de serviços.

Assim, se conseguirmos criar uma corrente turística oriunda dos países de mais alto nível de vida, todos terão a ganhar: os idosos porque poderão passar umas férias tranquilas sem a balbúrdia do Verão e a indústria hoteleira, que pode alcançar um mais elevado nível de exploração.

Disto se compenetram o Centro de Turismo de Portugal em Paris, a Air France e a Comissão Regional de Turismo do Algarve, entidades que apoiam esta iniciativa e, certamente, se vão esforçar por conseguir trazer a Portugal mais grupos de pessoas idosas, para apreciarem a amenidade do nosso clima, as belezas da nossa paisagem e as características da nossa maneira de viver.

Tudo isto foi agora proporcionado a este grupo de franceses que fizeram um voo di-

recto entre Paris e Faro e que estiveram no Algarve durante três dias, tendo visitado: Monte Gordo, Faro, Olhão, Luz de Tavira, Tavira, Loulé e Albufeira, e sido informados acerca das particularidades históricas, arquitectónicas, agrícolas, monumentais, industriais e paisagísticas destas localidades.

Também lhes foi proporcionado terem uma pálida ideia das belezas de muitas outras terras de Portugal através dum magnífico filme colorido projectado no Hotel da Balaia, e que também deixou os nossos visitantes tão bem impressionados que não esconderam nem a sua satisfação pela felicidade daquela magnífica viagem nem a intensão de voltar em breve. De resto, as atenções de que foram alvo por parte do Director do Centro de Turismo sr. João Preto da Silva e pela sua assistente sr. D. Sidónia Joly, foram, certeza, valiosos contributo para que levassem as melhores impressões desta rápida viagem através de um Algarve que os deixou encantados pela comodidades desfrutadas, pela excelência da mesa que lhes foi proporcionada e pelo ambiente simpático e acolhedor de que se viram rodeados durante a sua estada entre nós.

A valorizar tudo isto, ainda lhes foi proporcionada uma magnífica festa de despedida no Hotel da Balaia, que incluiu fados, folclore e cantares regionais, que os visitantes acompanharam com muito entusiasmo e comunicativa alegria.

Por que o turismo é uma importantíssima fonte de divisas para o nosso País, e também um maravilhoso veículo de aproximação entre os homens de todas as raças e credos, será desejável que estes exemplos frutifiquem e que muitos milhares de indivíduos da terceira idade possam desfrutar de umas férias repousantes neste «Jardim à beira mar plantado».

SECTOR DE BEBIDAS

A Pastelaria Amendoal

LARGO GAGO COUTINHO, 22 — TELEF. 62503 — LOULÉ

VENDE MAIS BARATO, CONSUMINDO EM SUA CASA

Whiskys
Vinhos do Porto
Espumantes
Brandies
Aguardentes
Licores
Vermutes
Leite c/ chocolate Ucal

Cocas Cola
Sumol's
Sucol
Joi/Laranja
Tri Laranjus
Laranjina C
Fruto Real
Águas Minerais
Cervejas

PARA BRINDES:

Temos lindas «corbeilles» com garrafas

PREÇOS ESPECIAIS PARA:

Casamentos, Baptizados, Aniversários, etc.

FORNECEMOS:

Qualquer quantidade em caixas ou grades

EMPRESTAMOS VASILHAME:

Para casamentos, Aniversários, etc.

VERIFIQUE OS NOSOS PREÇÁRIOS

COM OS NOSSOS CUMPRIMENTOS

AMENDA

AMENDA</

ALBUFEIRA - MAR — Sociedade de Turismo e Hotelaria, Lda.

Certifico, para efeitos de publicação que, por escritura de 3 de Julho de 1980, lavrada neste Cartório Notarial do concelho de Lagoa — Algarve, exarada de folhas 38 verso, a folhas 40, no Livro de Notas 112-B, Jaime Simões de Sousa e mulher Maria Gracieta de Jesus Pinelas Simões de Sousa, constituíram entre si, uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, que se regula nos termos constantes dos artigos seguintes:

1.º — A sociedade adopta a denominação de «Albufeira — Mar — Sociedade de Turismo e Hotelaria, Limitada», tem a sua sede na Rua Padre Semedo Azevedo, número um, na vila, freguesia e concelho de Albufeira, e durará por tempo indeterminado, com início a partir de hoje.

§ Único: — A sociedade pode abrir agências ou filiais, onde e quando entender, podendo ainda transferir a sua sede para outra localidade, mediante deliberação da assembleia geral.

2.º: — O objecto da sociedade é a construção de edifícios, aluguer ou venda dos mesmos, exploração turística e hoteleira, podendo ainda dedicar-se a qualquer outra

actividade, comercial ou industrial que os sócios deliberarem explorar.

3.º — O capital social integralmente realizado e subscrito em dinheiro, já entrado na Caixa Social, é de 2 500 000\$00 (dois milhões e quinhentos mil escudos) e corresponde à soma de duas quotas: uma, no valor de 2 000 000\$00, pertencente ao sócio Jaime Simões de Sousa; e outra, no valor de 500 000\$00, pertencente à sócia Maria Gracieta de Jesus Pinelas Simões de Sousa.

4.º — Poderão ser exigidas prestações suplementares de capital nas condições fixadas em Assembleia Geral, desde que a resolução seja tomada e aprovada por unanimidade.

5.º — A gerência da sociedade e a sua representação, em juízo e fora dele, activa e passivamente, incumbe ao sócio Jaime de Sousa, sendo necessária e suficiente a sua assinatura, para que a sociedade fique validamente obrigada.

§ Único — Para os actos de mero expediente, basta a assinatura de qualquer um dos sócios gerentes.

6.º — É expressamente vedado ao gerente obrigar a sociedade em fianças, abona-

ções, letras de favor, e quaisquer actos e contratos estranhos aos negócios sociais.

7.º — A sociedade poderá constituir mandatários e outorgar-lhes os poderes convenientes.

8.º — A cessão de quotas, no todo ou em parte, da sócia Maria Gracieta de Jesus Pinelas Simões de Sousa, a estranhos, depende sempre do consentimento da sociedade.

9.º — Sempre que a lei não exija outras formalidades e prazos, as Assembleias Gerais serão convocadas por carta registada enviada com a antecedência mínima de oito dias; — porém a expedição pode ser substituída pelas assinaturas dos sócios no respectivo aviso convocatório, caso em que a convocação deixará de depender da referida antecedência.

Está conforme.

Cartório Notarial de Lagoa, aos 9 de Julho de 1980.

A Ajudante,
Maria José Correia Braga

VENDE-SE HORTA

Bem situada, perto de Boleiqueime e Vilamoura.

Contactar pelo Telef. 65804 — QUARTEIRA. (8-2)

VENDE-SE

Terreno para construção, com lotes aprovados, na Urbanização Parragil.

Tratar com Manuel Calço Grosso — Telef. 62264 — Rua João de Deus, 5 — LOULÉ.

PROPRIEDADES

VENDEM-SE

Nos arredores de Loulé, uma delas dentro do plano de urbanização já aprovado.

Tem arvoredo, predominando a amendoeira e a alfarrobeira.

Tratar na Rua Condestável D. Nuno Álvares Pereira, n.º 3 — LOULÉ.

PRECISA-SE

VENDEDOR

Com conhecimentos de material electromecânico. Resposta a este jornal ao n.º 96.

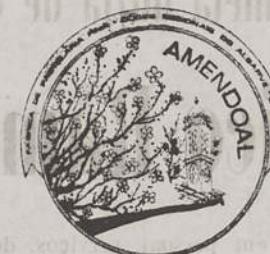
(3-2)

LUÍS PONTES

ADVOGADO

Rua D. Paio Pires Correia, n.º 21 — Telef. 62466

LOULÉ



Pastelaria AMENDOAL

Largo Gago Coutinho, 22 — Telef. 62503
LOULÉ

PARA AS SUAS OFERTAS
RECOMENDAMOS
O BOLO REI «AMENDOAL»

Lindas Cartonagens e Peças de Louça
com Chocolates e Doces Regionais do Algarve

COM OS NOSSOS CUMPRIMENTOS.

RELOJOARIA FARAJOTA

JOSÉ MANUEL DIAS FARAJOTA

ARTIGOS DE PRATA

Agente Oficial dos Relógios
CERTINA — MAYO-SUPER E RUBI
Especializado em consertos de relógios
mecânicos e electrónicos

CENTRO COMERCIAL DE QUARTEIRA
Loja n.º 4 — (Rua Vasco da Gama)

AGÊNCIA VÍTOR

FUNERAIS E TRASLADACOES

Serviço Internacional
Telefones 62404-63282
LOULÉ — ALGARVE

VENDE-SE

Uma morada no sítio da Gonçinha, acabada de construir, com água e luz.

Tratar pelo Telef. 62461 ou 62051 — LOULÉ.



APARTAMENTOS E TERRENOS

ALUGAM-SE E VENDEM-SE APARTAMENTOS E TERRENOS PARA CONSTRUÇÃO E AGRICULTURA. TRATAR COM CONCEIÇÃO FARAJOTA, RUA D. AFONSO III — R/C, (JUNTO AO RESTAURANTE «A MINHOTA») — QUARTEIRA, OU PELO TELEFONE (das 20-22 h.).

AGÊNCIA DOCUMENTAÇÃO DO SUL de Noélia Maria E. Ribeiro

TRATAMOS DE:

- Legalização de automóveis estrangeiros (emigrantes)
- Renovação de cartas de condução
- Averbamentos ou substituições de livretes
- Títulos de propriedade
- Licenças de Circulação
- Declarações
- Requerimentos ou qualquer documentação comercial
- Seguros

Rua Maria Campina (antiga R. da Carreira)
Telefones 63103 — LOULÉ

Propriedade

COM AREIA PARA CONSTRUÇÃO

Propriedade situada nas Quatro Estradas, próximo das Duas Sentinelas, vende-se pela totalidade ou apenas a areia.

Tratar pelo telefone 22753 (escrit.) ou 26466 (resid.) — PORTIMÃO.

ÁRVORES DE FRUTA

— As melhores variedades nos melhores porta-enxertos

FALCÃO AGRÍCOLA, LDA.

— 38 anos de experiência ao serviço da FRUTICULTURA

VIVEIROS: Quatro Marcos — Moita do Ribatejo
Apartado 20 — Telef. 2390.180

DELEGAÇÃO: Estrada Marginal — Cruz Quebrada
Lisboa-3 — Telef. 2115104/05

FAÇAM AS VOSSAS ENCOMENDAS!

QUARTEIRATUR

AGÊNCIA IMOBILIARIA E TURÍSTICA

ALUGUER, VENDA E ADMINISTRAÇÃO DE
APARTAMENTOS — MORADIAS — TERRENOS

Av. Infante de Sagres, 23

Telef. 65488

QUARTEIRA — ALGARVE

Se eu pudesse perguntar meia dúzia de coisas ao esfíngico Ramalho Eanes...

Após quatro anos de mandato, Ramalho Eanes apresenta-se de novo ao eleitorado português, no sentido de manter por outros quatro anos a sua permanência no Palácio de Belém.

Apresenta-se, como ele diz, como «o presidente de todos os portugueses», quando o Governo eleito pelos portugueses no dia 5 de Outubro o declarou já como «o líder da Oposição», sem que Sua Exceléncia tivesse contestado essa acusação.

Na verdade, os acontecimentos têm vindo a demonstrar que, a despeito da sua fraca experiência política, por ele próprio confessada, a despeito da sua reconhecida como diminuta capacidade cultural (não era por acaso que, em 1975, falava do seu desejo de regressar à Faculdade de Letras, onde ninguém nunca deu pelos primores da sua inteligência, tal como acontecera aliás na Faculdade de Direito) e a despeito do seu desejo de não voltar a recandidatar-se, Ramalho Eanes conseguiu marginalizar o próprio Mário Soares, considerado líder incontestado do Partido Socialista, e apresentar-se na corrida eleitoral como o candidato da Frente Republicana e Socialista. Mário Soares, depois de uma das suas já conhecidas bairras de menino mimado, acabou por amparar e reduzir-se ao silêncio, na esperança de que o tempo actue a seu favor, — mandando Ramalho Eanes para o esquecimento, se perder as eleições, ou recuperando a FRS a sua posição de prestígio, se for vencedor e a AD tiver de gra-má-lo como Presidente...

Repare-se na marosca do Mário ao recusar o apoio das bases do PS para que apresentasse a sua própria candidatura, fingir que não quer dividir o Partido, quando somente o preocupa o medo que ele próprio atribui a Carlos Brito por não insuflar-se à «contagem de votos», única razão da sua desistência, por demais sabida, à última hora, a favor de Ramalho Eanes. Se fosse candidatar-se, Mário Soares sofreria a maior derrota da sua vida política, faria o seu hara-kiri, com a contagem dos votos que receberia: talvez ainda menos do que os 7% de Octávio Pato, apesar dos rios de dinheiro que custou a campanha do primeiro candidato «puro» do PC a uma eleição presidencial.

Existem sérios riscos de que Ramalho Eanes ganhe as eleições, apesar do que Mário Soares, José Manuel Casqueiro e Veiga Simão poderiam testemunhar acerca da falta de palavrão do actual detentor do Palácio de Belém: Na verdade, ele tem beneficiado de uma campanha de propaganda, jamais verificada em Portugal, à custa do próprio Estado. Ora como Presidente da República, ora como Chefe do Estado Maior das Forças Armadas, a sua actividade nos últimos meses (chegando a utilizar como quartel-general da sua recandidatura o próprio Palácio de Belém) tem-se concentrado nos preparativos da próxima eleição.

Como Presidente da República, limita-se a reunir com o Conselho da Revolução, levando este a reprovar a Lei contra o Terrorismo ou a antecipar o pagamento para Novembro do 13.º mês dos militares, caso único em toda a Europa Ocidental.

Por isso, como cidadão contribuinte, gostaria de fazer meia dúzia de perguntas ao senhor Ramalho Eanes, cara a cara. Mas duvido que ele fosse capaz de me responder... Eis o que eu gostaria de saber de Sua Exceléncia:

1. Quanto custa a campanha de propaganda de Sua Excelé-

cia em pessoal, serviços, deslocações, cartazes, anúncios na imprensa diária e semanal, delegados, discursos, etc., e QUEM A PAGA?

2. Como Presidente da República Sua Exceléncia multipliou dezenas de vezes o orçamento que era atribuído, por exemplo, ao Almirante Américo Tomás. Poderá Sua Exceléncia dizer ao Povo Português, de forma transparente, onde, como e com quem tem gasto esses milhões de contos postos à sua disposição?

3. Ao fim de quatro anos de mandato, com inúmeras viagens feitas ao estrangeiro e, sobretudo, de norte a sul de Portugal, que obras e ações julga Sua Exceléncia ter levado a efeito a bem do Povo Português?

4. Tendo rejeitado em 1975 expressamente o apoio do Partido Comunista, que razões levaram Sua Exceléncia a mudar de ideias em 1980?

5. Tendo criticado asperamente todos os partidos políticos portugueses porque razão reservou os seus únicos elogios, numa entrevista a um jornal estrangeiro, para o Partido Comunista?

6. Porque faltou à sua promessa de levar até ao fim o julgamento dos responsáveis pelo 11 de Março e pelo 25 de Novembro?

7. Porque não respondeu à afirmação do Coronel Pires Veloso sobre o facto alegado de que Sua Exceléncia não desempenhou nenhum papel de comando no 25 de Novembro?

8. Porque mandou instaurar um processo ao Almirante Pinheiro de Azevedo quando este surgiu com as suas primeiras afirmações sobre o seu nulo papel no 25 de Novembro?

9. Porque nunca comentou o livro «O 25 de Novembro sem máscara» em que o Almirante Pinheiro de Azevedo desenvolveu as suas revelações tão comprometedoras sobre a sua isenção e as suas relações com o Partido Comunista estabelecidas através de Melo Antunes, marxista confessado que tem participado em reuniões internacionais sobre os problemas do marxismo na época actual?

10. Porque não aceitou até agora Sua Exceléncia o frente-a-frente para o que o desafiou o general Soares Carneiro, fazendo responder pelos seus serviços de candidatura que somente participaria em mesa redonda com todos os restantes candidatos no desejo de não privilegiar nenhum?

Poderia fazer a Sua Exceléncia não dez, mas uma larga centena de perguntas, que mesmo assim não passaria da meia dúzia, em relação às milhares que, ao longo destes quatro anos, o povo português tem feito a sua Exceléncia sem nunca ter obtido resposta.

Na verdade, Ramalho Eanes — o Presidente que não ri — tornou-se um enigma tão cerrado e tão impenetrável que a própria Esfinge, confrontada com ele, coraria de vergonha.

Não se trata, todavia, de uma maneira de ser, mas de uma única saída para quem, não podendo ser frontal e sincero, se ter de esconder atrás da cortina da dúvida, do mistério e do medo.

No dia 7 de Dezembro, o Povo Português vai ter a oportunidade de votar e de escolher quem presidirá aos seus destinos. Irá fazê-lo quase às cegas, confundido e atordoado com uma campanha baseada em slogans, em carismas, em manipulações mais do que descaradas.

Perseguida pela ideia fantasma de «não fazer ondas», que a marcou na pia baptismal em pleno fascismo, a televisão uni-

ca e monopolista que tanto serviu o gonalcalvismo e tanto tem servido os gonalcalvistas que lá ficaram e dominam a sua Comissão de Trabalhadores, continua a esquecer a velha máxima popular «da discussão nasce a luz». Um encontro directo de Eanes com Pinheiro de Azevedo, com Spinola, com Otelo, com Galvão de Melo, com Pires Veloso, com Soares Carneiro, com Sanches Osório (o homem que o trouxe de Angola para o Palácio Foz e depois para a Televi-são, onde tanto serviu o gonalcalvismo) e com tantos outros protagonistas da misteriosa história de Portugal depois do 25 de Abril — nunca se efectuou e, muito provavelmente, nunca se efectuará. Muito menos com os civis — Sá Carneiro, Freitas do Amaral, Mota Pinto, Mário Soares, Alvaro Cunhal, Acácio Barreiros, etc.

Não se trata de debater problemas na televisão à caca de votos, mas de esclarecer o Povo Português sobre os acontecimentos de que ele não conhece mais do que a aparência fictícia e enganosa. Enganado durante 48 anos de fascismo, este povo, daí, de brandos costumes, tem suportado de tudo: das vigarices do gonalcalvismo aos dúbios silêncios e às expressões esfíngicas do esnismo.

«Quem mais me irá acontecer?» — pergunta o pobre Zé como o protagonista breyniano de «Mota Carrasco». Se eu fosse crente, iria de joelhos até Fátima pedir à Senhora: «Tudo, mas tudo o que quiser, menos outros quatro anos a ter um Presidente que vende gato por lebre...»

VITORIANO ROSA

Em leilão de livros antigos

Monografia de Loulé atingiu 3100 escudos

A população de Loulé tem motivos para sentir orgulho: uma monografia sobre a sua terra, assinada por Athaide Oliveira, e publicada em 1905, atingiu o preço mais elevado na terceira sessão do leilão de livros antigos, que tem estado a decorrer no salão de pregões da Rua Luz Soriano. Uma obra

Conferência sobre ARQUEOLOGIA E ARTE ÁRABE DO ALGARVE

Promovida pelo Racial Clube de Silves em colaboração com a Associação para a Defesa do Património Cultural da mesma cidade, realiza-se no próximo dia 1 de Dezembro, 2.ª feira, pelas 17.30 horas no Salão Nobre da Câmara Municipal de Silves, uma conferência proferida pelo Dr. José Garcia Domingues, licenciado pelas Universidades de Lisboa e Madrid e especializado em temas árabes pelo Instituto de Línguas Orientais e Africanas de Lisboa, pela Faculdade de Filosofia e Letras de Madrid e pela Real Academia de Córdoba.

A conferência será acompanhada de exposição de plantas das fortificações algarvias e de projeção de peças de arquitetura, cerâmica e numismática do Algarve Árabe.

Esta conferência é aguardada com muito entusiasmo por investigadores e arqueólogos, bem como pelos algarvios interessados em conhecer a sua história durante a ocupação árabe.

Movimento de solidariedade para com a vítima de um incêndio que lhe destruiu todos os haveres

A prova de que a solidariedade humana ainda não morreu no coração dos portugueses, tivemos muito recentemente logo que foi publicamente divulgada a triste notícia de que um modesto casal de louletanos fôr vitima de um incêndio que lhe destruiu o lar e todos os seus haveres. E logo várias pessoas se movimentaram no sentido de ajudar o desventurado casal a recompor a sua vida, quer angariando fundos junto de amigos, quer promovendo o sorteio de um televisor a cores, quer organizando uma grande festa de beneficência no «salão dos espanhóis» e cujo resultado financeiro ainda não conhecemos neste momento, mas podemos acrescentar que teve a

pronta e entusiástica adesão dos artistas: Tony Pereira, Manuel Machado, José Antunes, Vitor Garcia, José M. Oliveira e Aristides, que colaboraram graciosamente num movimento de solidariedade humana que muito enobrece pelo gesto praticado e pela valiosa colaboração que prestaram para que fosse tão frutuoso o objectivo que se pretendia alcançar.

De salientar que, além das numerosas ofertas em dinheiro resultante da boa vontade de muitas pessoas que se prontificaram a abrir subscrições entre os seus amigos (e cujos resultados ainda não temos conhecimento) podemos acrescentar que foram numerosas as ofertas em roupas que a família em causa ficara carecida.

Podemos ainda destacar a prontidão com que o Centro de

Aníbal Direitinho 2 000\$00
Valêncio Pereira 500\$00
Joaquim Santos Moreira 100\$00
Víctor Manuel G. Coelho 150\$00
José Cabrita 100\$00
Boutique Avenida 100\$00
J. M. S. 100\$00
Café Comercial 200\$00
Joaquim Sousa Rosal 20\$00
Carlos Rua 200\$00
Víctor Teixeira 100\$00
Maria Alice 100\$00
Ercília Brito 100\$00
Romaña de Sousa 50\$00
Maria de Deus Casanova 50\$00
Eugenio Martins Madeira 100\$00
António Faustudo 100\$00
Mário da Conceição G. Rodrigues 300\$00
António João G. S. Leal e esposa 200\$00

A transportar 4 300\$00

NOVAS LICENCIATURAS

Com elevada classificação, concluiu recentemente a sua licenciatura a nossa conterrânea sr. dr. D. Maria Helena Farrajota de Sousa Viegas Santos, filha do nosso prezado amigo e dedicado assinante sr. José de Sousa Conceição, conceituado comerciante da nossa praça, e de sua esposa sr. dr. D. Maria das Dores Costa Farrajota Sousa e esposa do nosso compatriota e também prezado amigo sr. dr. Viriato José Viegas Santos, filho do nosso estimado amigo sr. Viriato Passos Valente, funcionário da agência de Loulé do Banco Nac. Ultramarino e de sua esposa sr. dr. Maria Vie-

gas Valente, professora do ensino secundário e que, com poucos dias de intervalo de sua esposa, também concluiu a sua formatura em Medicina, pela Universidade de Lisboa.

Para o jovem casal que acaba de concluir as suas formaturas, após estudos preparatórios sempre coroados de êxito, endereçamos os nossos mais sinceros parabéns, ao mesmo tempo que desejamos que encetem as maiores felicidades no desempenho das suas carreiras profissionais. Para os pais de ambos, igualmente tornamos extensivos os nossos parabéns.